

SOBRE MANGAS E MANGUEIRAS: MINHAS MEMÓRIAS GUSTATIVAS E AFETIVAS

ABOUT MANGOES AND MANGO TREES: MY GUSTATORY AND EMOTIONAL MEMORIES

Miguel de Nazaré Brito Picanço¹

Data da submissão: 11.03.2025

Data da aprovação: 10.12.2025

As mangas e as mangueiras são mais do que frutos e árvores: são memórias enraizadas na vida cotidiana amazônica, fios que entrelaçam experiências gustativas, afetivas e identitárias. Ao narrar lembranças de infância em Araí, no nordeste paraense, o presente texto convida a revisitar um universo em que o ato de “juntar manga” não era apenas uma prática alimentar, mas uma vivência coletiva, carregada de rituais, brincadeiras e afetos.

A narrativa aqui apresentada parte de lembranças pessoais para, em seguida, entrecruzar histórias de outros sujeitos amazônidas, mostrando como a manga se constitui em patrimônio afetivo e cultural que ultrapassa gerações, geografias e contextos sociais. Trata-se de um exercício de memória que se expande, revelando como o simples gesto de colher e comer uma fruta é capaz de evocar paisagens, modos de vida e vínculos comunitários.

Nesse sentido, mais do que contar histórias particulares, este ensaio propõe uma reflexão sobre como a comida, e em especial a manga, se converte em linguagem cultural, comunicando pertencimentos, afetos e identidades que se mantêm vivos tanto nos quintais do interior quanto nas ruas da cidade de Belém, conhecida, não por acaso, como a “cidade das mangueiras”. Hoje aqui em Araí e debaixo de uma mangueira revisei minha infância, minha história, minha trajetória e minha identidade, a qual é de “Bicho do Mato.”

A epígrafe deste texto faz referência às minhas memórias, que, no dia 5 de abril de 2023, foram aguçadas quando, por volta de 8h da manhã e debaixo de alguns leves pingos de chuva ou, como dizem meus conterrâneos araienses, debaixo de um chuvisco, recebi da querida amiga e conterrânea Miroca (apelido carinhoso da Germiniana) um saboroso convite: “Miguel, bora ali juntar e apanhar mangas.” Convite imediatamente aceito, conforme testemunha (KOSSOY, 2021) a imagem 1.

Preciso antes dizer que a mangueira em questão povoa o quintal do professor Ricarlos. Inclusive, elas marcam quase todos os quintais e também as paisagens dos territórios araienses. Então, como a chuva ameaçava cair, achamos melhor não subir na mangueira que estava um tanto lisa e nos oferecia certo perigo de escorregar. Adotamos a estratégia de apanhar as mangas com uma vara de bambu, cujo foco era acertar as famosas mangas “oriscas”, ou seja, as amarelinhas, como as mostradas nas imagens 2 e 3. Então, foi em meio aos pingos dos chuviscos que eu e Miroca garantimos naquela manhã um paneiro abarrotado de mangas, muitas delas eram, como dizem os araienses, oriscas (imagem 4).

Antes de prosseguir, preciso dizer que sou nativo da comunidade de Araí, de onde migrei faz mais de 30 anos para Ananindeua, região metropolitana de Belém, lugar onde também moro ainda hoje. Digo também porque vivo ora em Ananindeua ora na querida Araí. Certamente, é onde estão meu coração, minhas histórias e minhas memórias afetivas e quiçá as gustativas, aquelas que mais contam sobre mim, as quais emanam das minhas experiências vividas, outrora,

¹ Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS. Pesquisador membro do Alere, Grupo de Pesquisa em História da Alimentação e Abastecimento na Amazônia/CNPq. E-mail: micanbri2013@gmail.com

lá, em minha querida Araí, a qual está geograficamente localizada no meio rural de Urumajó (hoje Augusto Corrêa), na Amazônia Atlântica, do nordeste paraense.

Dentre as experiências vivenciadas quando criança em Araí, certamente aquelas atravessadas pela manga marcam saborosamente minha trajetória, povoando de modo muito singular minhas memórias gustativas e afetivas, as quais, hoje e debaixo da mangueira do Ricarlos foram deliciosamente acionadas, fazendo-me lembrar de como as mangueiras e as mangas figuravam emblemáticas vivências que emaranhavam meu viver, conforme descrevo no que segue.

Durante o inverno amazônico, que, com regularidade, ocorre de janeiro a junho, costumávamos (eu, minhas irmãs, irmãos primos etc.) madrugar, acordar bem cedinho, às 5h da manhã. Madrugávamos com um propósito já acordado no dia anterior, a saber, para juntar manga nas mangueiras que lindamente “povoavam” os quintais de muitas casas da comunidade. Dentre essas mangueiras havia uma que ocupava lugar primeiro em nossa preferência, falo da mangueira do tio João. Essa preferência tinha razão de ser: era a mangueira que nos oferecia as mais desejadas e saborosas mangas: as oriscas, ou seja, aquelas que, de tão maduras, se mostravam amarelinhas, indicando que estavam próprias para serem degustadas, mas não de qualquer maneira: por essas paragens da Amazônia as mangas oriscas são saboreadas ora com farinha (imagem 5) ora, como dizem os araienses, elas são chupadas.

Juntar mangas era uma deliciosa tarefa, permitindo-nos não apenas assegurar a merenda do dia, mas também nos proporcionavam vivências marcadas por momentos de intensas brincadeiras e felicidade e, por vezes, algumas peraltices, como, por exemplo, quando “roubávamos” as mangas do tio João sobre o seu jirau. É que, como ele sabia que nós iríamos às cinco horas, ele acordava antes de chegarmos e juntava as melhores mangas e as escondiam em um paneiro que era guardado sobre o jirau. Descobrimos o esconderijo e levávamos, algumas; as melhores.

Afora isso, costumamos apanhar as mangas escondidos da proprietária da mangueira, lembro muito bem fazíamos isso na mangueira da dona Luiza, pois ela não gostava de dividir suas mangas. Então, aproveitávamos o momento em que estava na sua madorna (cochilo costumeiro dos araienses, após o almoço). Enquanto dona Luiza cochilava, arrumávamos uma vara cumprida e de galho em galho íamos cutucando as mangas oriscas, garantindo a “boia” do dia. Até que por um descuido nosso, talvez, um barulho das quedas das mangas ou até mesmo das cutucadas, dona Luiza acordava e, muito brava, coloca-nos para fora de seu quintal. Deixávamos o pé de mangueira às carreiras e com muitas risadas.

Outras saborosas experiências figuravam-se quando comíamos manga verde. Esse costume alimentar era corriqueiro e tinha a competência de juntar em uma roda comensal debaixo da mangueira um número significativo de crianças, as quais com uma cuia com sal e algumas mangas verdes garantiam a merenda daquele dia, regada a muitas brincadeiras, conversas de criança e muitas caretas, estas últimas provocadas pelo azedume que é próprio das mangas verdes.

Ao que parece, as experiências performadas com e pela manga na minha infância em Araí podem ser pensadas como fenômenos comensais, que, ao serem coletivizados, afetaram e quiçá afetam os modos de viver do povo paraense, particularmente daqueles que povoam os territórios amazônidas e caboclos do nordeste paraense, como a comunidade de Araí. Outros sujeitos em outros territórios contam sobre os atravessamentos das mangueiras e suas mangas, conforme pode ser notado nas narrativas de André Mariano, professor de sociologia e morador da cidade de Castanhal e de Ana Maria, também professora socióloga e moradora da vila de Americano, no município de Santa Izabel, nordeste paraense.

Quando a gente era criança, meu pai trabalhava com casa de farinha e ele vendia farinha pra uma senhora que morava em Belém, a dona Mocinha. Dona mocinha trazia de paneiro de manga comum pra gente (manga comum é como chamam os paraenses

para as mangas que são mostradas neste ensaio) e a gente comia com farinha. Na época a manga comum era difícil aqui em Americano. Também lembro de outra história; a gente tinha um vizinho que tinha uma mangueira grande no quintal dele e aí caía pro lado do nosso quintal os galhos cheios de mangas e a gente juntava as mangas que caíam em nosso quintal. Mas quando o vizinho brigava com a gente, ele ia e cortava os galhos que estavam no nosso quintal, isso pra não pegarmos as mangas dele (Conversa com Ana Maria, em 10 de abril, 2023).

Morava ali próximo ao terminal e nessa época as ruas não eram asfaltadas, os quintais não tinham muro, pouquíssimos tinham muro, A maioria tinha cerca, aquelas feitas com estaca e arame. A gente tinha, a molecada, o hábito de tá entrando nos quintais, entra num, entrava noutro, pra roubar frutas. Aquilo uma tradição nossa. Tanto é, que a gente já tinha um lugar pra passar pro quintal, já sabíamos o lugar pra passar. Já íamos lá, abria o arame, tirava a estaca e entrava. E, quanto mais perigoso, melhor era a fruta, parecia, né. Tinham várias frutas, mas a manga verde é que era a história, né. Comia a manga verde com sal à vontade, nesse tempo. Depois, na adolescência, a história mudou, já era a manga verde com um temperozinho: sal e pimenta do reino, aí já não era mais para comer a manga, era pra tira-gosto de cachaça (Conversa com André, em 03 de maio de 2023).

Certamente, comer manga constitui-se em um hábito alimentar dos paraenses forjados desde muito cedo, desde a infância, isso é notório nas imagens 6 e 7.

As experiências dos paraenses com a manga são histórica e não se limitam apenas aos territórios rurais. A capital, Belém, também é emaranha de vivências forjadas por mangueiras e mangas, as quais, ao povoarem a cidade, figuram singularidades a capital paraense de modo que ajudam a figurar as paisagens, ao desenharem túneis nas ruas da cidade (imagem 8), as sonoridades provocadas pelos barulhos das mangas que caem nas ruas, sobre os carros, por vezes sobre as cabeças dos transeuntes, outras vezes pelas quedas das mangueiras mais antigas (imagem 9). Neste último caso, as implicações podem resultar em prejuízos diversos, desde a interrupção da energia elétrica até o congestionamento do trânsito na cidade, transformando-se em manchete das emissoras de televisão e dos jornais locais.

A presença da árvore marca de tal maneira a vida da cidade que a Belém foi atribuído um apetitoso epíteto de cidade das mangueiras.

Antes de findar, preciso relatar uma experiência que ajuda a entender os atravessamentos da manga na vida paraense e o lugar que ela ocupa em nossas experiências, falo de um certo dia, quando, ao terminar o recreio e, após alguns longos minutos, percebi que alguns estudantes não haviam retornado (sou professor de Sociologia da Educação Básica de Belém). Resolvi procurá-los, encontrando-lhes debaixo de um pé de mangueira que havia no quintal da escola (imagem 10).

As lembranças aqui revisitadas deixam entrever que a manga não é apenas fruto, mas um signo cultural que atravessa corpos, tempos e territórios amazônicos. Seja na infância em Araí, seja nos quintais de Castanhal, Santa Izabel ou mesmo nas ruas de Belém, ela figura como alimento que nutre não apenas o corpo, mas também a memória, o afeto e a identidade.

Ao reunir experiências próprias e narrativas de outros sujeitos, percebe-se que a manga é partilhada como herança coletiva, capaz de conectar gerações e recriar laços de pertencimento em diferentes espaços. Essa partilha, atravessada por sabores, brincadeiras e até conflitos cotidianos, revela a centralidade da fruta nas sociabilidades paraenses.

Por fim, se a manga é linguagem, como sugerido, ela comunica modos de viver amazônicos e paraenses que resistem e se reinventam. Ao cair das mangueiras, seja no quintal da roça, na calçada de Belém ou no pátio da escola, ela insiste em nos lembrar que o alimento é também memória e que comer, mais do que um ato biológico, é um gesto de identidade, afeto e cultura, de modo tal, que por essas bandas do norte brasileiro não basta comê-la, simplesmente, é costume degustá-la com farinha (PICANÇO, 2021).

REFERÊNCIAS

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. 2a edição. São Paulo: Ateliê Editorial. B., 2001.

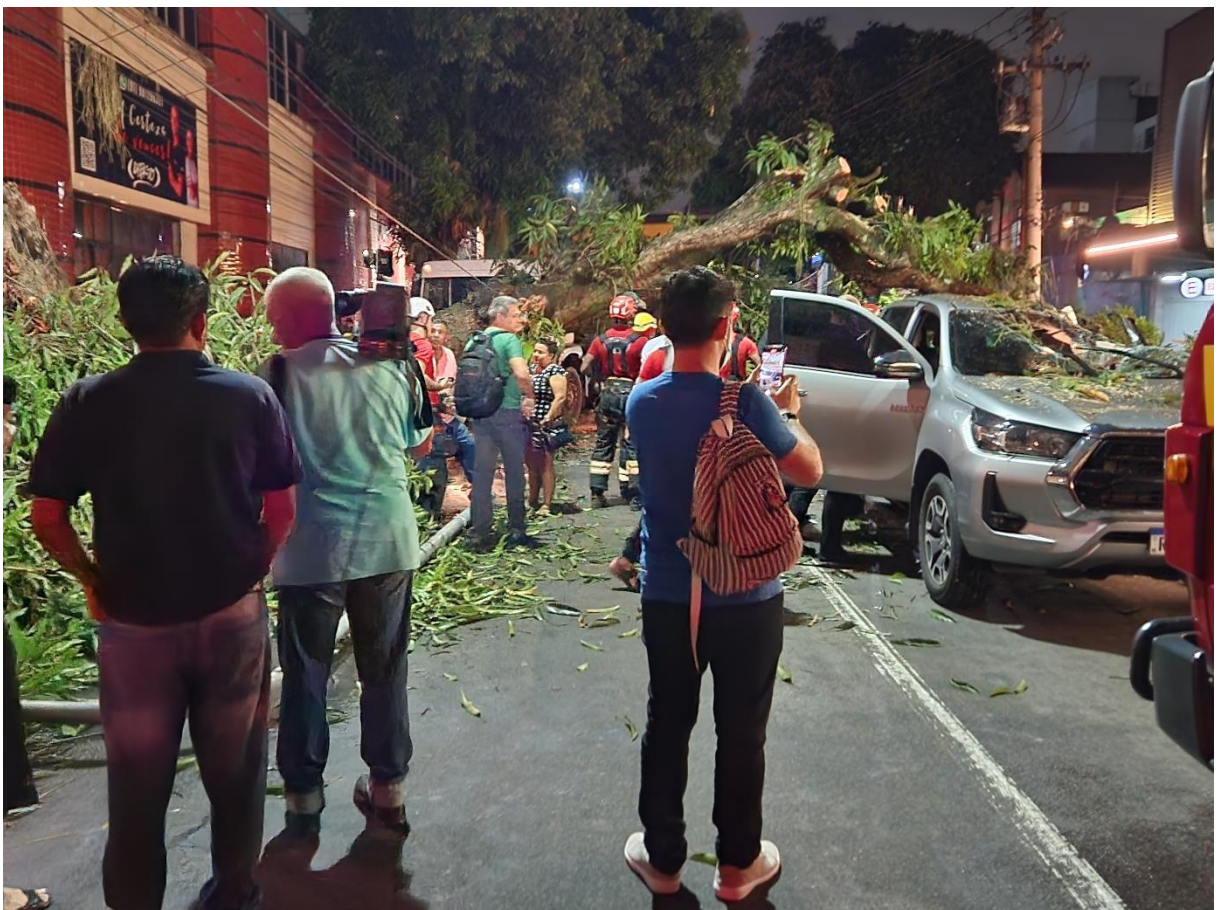
PICANÇO, Miguel de Nazaré Brito. **Comida Cabocla, uma questão de identidade na Amazônia: desde uma perspectiva fotoetnográfica**. Ed.1, Belém: Paka-Tatu, 2021.













Fotos: Arquivo do autor